

**A língua guarani (ainda) viva no Brasil: a cultura originária que a colonização não conseguiu eliminar**

**The Guarani language (still) alive in Brazil: the original culture that colonization was unable to eliminate**

Aldi Feiden

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-6823-9291>

[aldifeiden@gmail.com](mailto:aldifeiden@gmail.com)

Mario Ramão Villalva Filho

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-4182-9168>

[mariocomunica@yahoo.com.br](mailto:mariocomunica@yahoo.com.br)

**Resumo:** O Brasil se apresenta ao mundo com o único idioma, o português. Este fato esconde os dados que o censo do IBGE indicou em 2010: a presença de 274 línguas diferentes, segundo a resposta espontânea dos brasileiros. Assim, não podemos falar de monolinguismo neste país. O Brasil, denominado Pindoráma pelos Guarani, tinha como o seu principal idioma uma língua originária misturada com português (Língua Geral). Mas, em 1757, sob a influência do Marquês de Pombal, o governo português baixou um decreto proibindo o uso daquele idioma. Este trabalho objetiva demonstrar que, apesar da proibição, no contexto histórico da colonização, essa língua originária permanece viva no português brasileiro atual. Para isso, nos remetemos a gramáticas e dicionários de séculos passados e os comparamos com o que corresponderia à língua indígena atual. Por meio de observações lexicais na língua portuguesa enumeramos algumas expressões gramaticais, nomes de rios, e algumas localidades da cidade de São Paulo para, finalmente, exemplificar alguns estados brasileiros cujos nomes também foram originados da mesma família lingüística. Assim, concluímos que a língua guarani no Brasil, apesar do etnocídio lingüístico-cultural, e mesmo negada pela língua oficial, mantém viva a cultura originária, motivo fundamental para que se valorizem os seres humanos sobreviventes que, ainda hoje, falam essa mesma língua.

**Palavras-chave:** Guarani, Língua indígena, Brasil.

**Abstract:** Brazil presents itself to the world by means of a single language, Portuguese. This fact hides the data raised by the IBGE's 2010 census: the existence of 274 different languages, according to the respondents' spontaneous answers. Thus, Brazil cannot be considered a monolingual country. Once called Pindoráma by the Guarani, Brazil's main language used to be an original language mixed with Portuguese (the General Language). However, in 1757, under the influence of the Marquis of Pombal, the Portuguese government issued a decree that banned the use of that language. This paper aims to demonstrate that, despite the language ban, in the historical context of colonization, the Guarani language remains alive in today's Brazilian Portuguese. In order to do so, we refer to grammars and dictionaries from past centuries and compare them with what would correspond to today's indigenous language. Through the lexical study of Portuguese, grammatical expressions, names of rivers, and some localities in the city of São Paulo have been enumerated to finally exemplify how some Brazilian states' names also originated from the same language family. Thus, we conclude that despite the linguistic-cultural ethnocide, and even if denied by the official language, the Guarani language in Brazil has been keeping its original culture alive, which constitutes a fundamental reason to value the surviving human beings who, even today, speak that same language.

**Keywords:** Guarani, Indigenous language, Brazil.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho objetiva buscar na cultura brasileira do século XXI traços da cultura originária nela; em outras palavras, buscamos aquelas heranças dos nossos<sup>1</sup> ancestrais originários que aqui já viviam na chegada dos primeiros invasores. Assim, procuramos nos ater aos materiais escritos nos primeiros séculos da colonização assim como os que foram publicadas atualmente; tudo isso em comparação à língua que a autoria deste trabalho traz como língua materna (guarani).

Com esta premissa partimos de uma literatura ficcional em direção à utopia de outra história que poderia ter sido oficial. Iniciamos o passeio pelos alguns recursos gramaticais que mantiveram o que esta terra deu para elas em base a registros que os dicionários averbaram nas últimas décadas. Seguidamente apontamos a vogal mais significativo do tronco Tupi a “y” que significou a maior quantidade de mudanças sonoras na chegada até atualidade. Este som vocálico é que mais aparece em nomes de rios, e outros acidentes geográficos, por exemplo, porque indica os detalhes mais importantes de Meio Ambiente como ser: y – água, yvy – terra, yvytu – vento-ar, yvyra – árvore); neste aspecto concordamos com Marcos Bagno<sup>2</sup> sobre que não existe língua pura, e sim uma adequação à cultura eurocêntrica implantada na colônia; desta forma, incluímos os nomes de vários lugares, especialmente aqueles da maior cidade do Brasil, São Paulo. Finalmente enumeramos os estados brasileiros cujos nomes se originaram também na cultura originária Tupi Guarani.

---

<sup>1</sup> Utilizamos “nossa” neste trabalho porque a língua guarani é língua materna (L1) para a autoria deste material (discente do doutorado), a língua guarani significou, da infância à adolescência, por causa do pre-conceito, pejorativo sobre a língua indígena, muita dor e vergonha, entretanto, graças à educação hoje é orgulho e motivo de luta. Por uma questão de identificação não conseguimos separar academia e personalidade.

<sup>2</sup> “Assim como, no curso do tempo, tem se falado da Família, da Pátria, da Lei, da Fé etc. como entidades sacrossantas, como valores perenes e imutáveis, também a “Língua” foi elevada a essa categoria abstrata, devendo, portanto, ser “preservada” em sua “pureza”, “defendida” dos ataques dos “barbarismos”, “conservada” como um “patrimônio” que não pode sofrer “ruína” e “corrupção”. (Bagno, 2007: 135)

O Brasil, constituído por uma forte origem indígena, é chamado de Pindorama<sup>3</sup> pelos habitantes guaranis. Há dois séculos, as línguas nativas ainda eram faladas no país diariamente, mas essa realidade não foi mantida até hoje, principalmente por razões políticas e econômicas<sup>4</sup>. Com relação a essa consciência originária, a literatura brasileira oferece, desde 1911, a história escrita por Lima Barreto intitulada *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Em suas primeiras páginas, um pedido um tanto incomum da personagem principal, Policarpo, é descrito como segue: "Usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani<sup>5</sup>, como língua oficial e nacional do povo brasileiro" (BARRETO, 2017:47). O recorte do texto literário ilustra parte de uma solicitação por escrito ao Congresso Nacional demandando que a língua nativa do Brasil fosse oficializada, e a razão para isso foi descrita abaixo: "lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática" (BARRETO, 2017:47). Destacamos, nesse trecho, o uso da expressão "emancipação política": o que Policarpo defendia que, para a total independência de Portugal, seria necessário excluir sua língua e adotar oficialmente a linguagem que sempre foi

---

<sup>3</sup> Pindoráma. Teodoro Sampaio cita a Couto de Magalhães "o nome **Pindorama (Pindó-retama)**, região das palmeiras, como indicativo das terras do litoral brasileiro, e podendo-se aplicar ao país todo." Entretanto, o autor esclarece que Couto de Magalhães poderia ter ouvido alguém dizer "pindó-rama" como sendo "país de palmeiras". Sampaio (1987) acredita que "esse alguém, com certeza, não foi índio," porque o "retama" não poderia se transformar em "rama", somente um bom conhecedor do português poderia ter criado esse termo. De todas as formas hoje pode ser confirmada que a atual guarani insiste em chamar ao Brasil de Pindoráma. (Sampaio, 1987:147).

<sup>4</sup> "Hoje, além da Língua Geral Amazônica, existem ainda no Brasil cerca de 180 línguas indígenas" (Rodrigues, 1993: 99)

<sup>5</sup> Tupi-Guarani. Este termo composto é considerado como "família Linguística": "A família Tupi-Guarani se destaca entre outras famílias linguísticas da América do Sul pela notável extensão territorial sobre a qual estão distribuídas suas línguas. No século XVI encontraram-se línguas dessa família sendo faladas em praticamente toda a extensão do litoral oriental do Brasil e na bacia do rio Paraná... ...Apesar dessa enorme dispersão geográfica, as línguas da família Tupi-Guarani mostram muito pouca diferenciação. Uma pessoa leiga em linguística, que conheça, por exemplo, um pouco de Guarani, pode prontamente reconhecer a maioria das outras línguas da família como afins do Guarani" (RODRIGUES, 1986: 32). "Ao todo, 21 línguas vivas da família Tupi-Guarani, que identificamos em território brasileiro" (RODRIGUES, 1986:33) (RODRIGUES, 1986: 29-39).

brasileira<sup>6</sup>; somente assim seria possível a verdadeira independência do país (BARRETO, 2017:47).

Nos dias de hoje, a sociedade brasileira acreditaria que seria uma medida complicada e absurda, mas outros a considerariam interessante e teriam a mesma postura que a personagem de Policarpo Quaresma, um cidadão obstinado e extremamente nacionalista. Por isso, defendeu a idéia de adotar o tupi-guarani como língua oficial do Brasil, apontando que o idioma português deveria ser suprimido, porque era o idioma do país dos colonizadores; e poeticamente defendeu a língua originária:

Demais, senhores congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única **capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza** e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, **por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem**, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal — controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura científica e filosófica (BARRETO, 2017: 47). (**Negrito nosso**)

Como se pode perceber, Lima Barreto colocou na personagem de Policarpo toda a consciência, que talvez somente nos dias de hoje (mais de 100 anos depois) a academia e o círculo de defensores do planeta estão defendendo: “capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza... ...por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem”.

Todas essas definições poéticas das vantagens da língua original permanecem na literatura clássica do Brasil, incorporadas ao filme *Policarpo Quaresma, herói do Brasil* (1988) e, como o próprio título do livro define *O triste fim de Policarpo Quaresma*, o fim permitiu o passo para a língua do colonizador, o português. Entretanto, a língua portuguesa no Brasil nem sempre foi a oficial ou a da maioria como indica o jornalista Ozias Alves Jr

---

<sup>6</sup> Aryon Rodrigues indicou que em torno de 1200 línguas indígenas havia no Brasil antes da chegada dos colonizadores: “proporcionalmente o território brasileiro comportaria 1.273 línguas... ...a qual é de 1175 línguas, para o Brasil no início da colonização” (Rodrigues, 1993: 91)

quando chama a “Lingua Geral Paulista” de “Tupi Guarani”:

Até o final do século XVII, a língua "oficial" do Brasil era o Tupi-guarani misturado com português. De cada três brasileiros, dois só falavam Tupi-Guarani. Mas em três de maio de 1757, sobre influência do Marquês de Pombal, o governo português baixou um decreto proibindo o uso do idioma "híbrido" ao qual imputava a acusação de que estava prejudicando as comunicações na colônia brasileira e impondo punições para quem não usasse o idioma português (ALVES, 2009: s/p).

E foi por meio do decreto que a língua originária do Brasil, chamada de “Lingua Geral ou Nheengatu”, perdeu força e foi, pouco a pouco, saindo de circulação. Como diria o jornalista Ozias Alves Jr., “Se não houvesse essa medida, o Brasil seria um país bilíngue cuja população usaria o português e o tupi-guarani, tal como hoje ocorre no Paraguai em que o povo de lá exprime-se em espanhol e guarani, uma língua parente do tupi” (ALVES, 2009: s/p).

O Brasil tem duas línguas oficiais, a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), esta última oficializada em 2002. A Libras consiste no sistema linguístico de natureza viso-motora, com estrutura gramatical e ideias próprias, bem como fatos oriundos de comunidades surdas no Brasil (BRASIL, 2002). A oficialização de outras línguas no país ocorreu nos municípios. Assim, várias cidades decidiram oficializar outras línguas, muitas delas de origem europeia, como variantes do italiano e do alemão, principalmente nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Assim, também o primeiro reconhecimento oficial de línguas de origem indígena no Brasil ocorreu no município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, com a legalização do Nheengatu, do Tucano e do Baniwa em 2002; dessas três línguas, só o primeiro pertence à família Tupi-Guarani. O Nheengatu, que significa “Lingua boa ou poderosa” e é falado na maior parte da região norte do Brasil, Colômbia e sudoeste da Venezuela (SIMONS, 2018).

### **O TUPI-GUARANI VIVO NA LÍNGUA OFICIAL- AVAÑE'Ë OIKOVE**

Muitas palavras e expressões que vieram da língua indígena foram incorporadas à

língua portuguesa falada no Brasil. Muitas delas aparecem, frequentemente, na toponímia<sup>7</sup> das cidades. Na cidade de São Paulo, por exemplo, passeamos pelo parque do *Ibirapuera* (planta ou tronco podre), vemos jogos de futebol em estádios chamados *Pacaembu* (atoleiro ou terra alagada), *Morumbi* (colina ou mosca verde) ou *Itaquera* (oficialmente traduzida como “pedra dura”, mas nós traduzimos como o “sonho da pedra” ou “pedra que sonha”)<sup>8</sup>. Esses exemplos se referem a locais específicos da cidade de São Paulo, mas, em todo o Brasil, presume-se que mais de 80% das palavras que denominam fauna e flora brasileiras sejam de origem indígena, principalmente da família linguística tupi-guarani. A influência lexical também inclui alguns itens lexicais bastante comuns no uso diário em português, como:

“**capinar** v. t. Bras. Mondar, segar, o capim em.” (FIGUEIREDO, 1913) – este verbo vem do tupi **kapir** (aparar o mato), que ao mesmo tempo vem de outra palavra **kapi’i**, (erva fina) **ka’a** (erva) + **po’i** (fina); hoje conhecemos por **Capim**, “é palavra portuguesa de origem tupi usada em muitos países lusófonos: Angola, Moçambique, Cabo Verde etc” (NAVARRO, 2013: 217). Esta mesma “erva fina” (**ka’a** + **po’i**) também é uma das origens da palavra “Caipira”<sup>9</sup>.

“**pipocar** v. t. e i. Bras. Arrebentar; estalar. V. i. Ferver em borbotões. (De pipoca)” (Figueiredo, 1913) – esta palavra vem da **Pipoca** vem do tupi **pi** (pele) e **poka** (estouro, estalo, arrebantamento, disparo) (Navarro, 2013). No Paraguai, escolheram outra onomatopéia: “pororó. De origen guaraní, masculino, Argentina, Paraguay y Uruguay.

---

<sup>7</sup> “A recorrência aos nomes indígenas, neste trabalho, inseriu-se por uma questão de substrato étnico e como marcas linguísticas de estágios de culturas diferentes em presença (...) Essa toponímia é o traço diferenciador da nomenclatura brasileira frente à européia, principalmente a portuguesa ou ibérica sendo importante lembrar que os primeiros nomes da terra formaram-se à maneira lusitana (conforme expedições de reconhecimento); as denominações nativas foram se tornando presentes à medida que se firmavam os contatos e o conhecimento e aprendizagem da língua, como indica o Vocabulário na língua brasílica (1954)...”. (DICK, 2004:127-128 in Seide, 2013: 169).

<sup>8</sup> Itaquera. O autor deste trabalho traduz sempre como “pedra que sonha” para os torcedores corintianos ou “pedra que dorme” para os torcedores contrários. A ideologia influencia também a tradução. Em relação às traduções oficiais, acredita-se que tenha sido escolhida “pedra dura” porque seria “estranho ou difícil” para um *jurua* (branco) aceitar que as pedras tenham vida e que possam sonhar, como seria normal na cosmologia indígena guarani.

<sup>9</sup> O termo Caipira tem várias outras origens, segundo Clóvis Chiaradia; todas do Tupi-Guarani: “a) cai-pira – o envergonhado, o tímido; b) caá-pir - o que corta o mato; Caá piré – a pele queimada; d) caaipura, caaipora, caaipira – de dentro do mato; e) caá – mato; ipira – parte próxima, próximo do mato, oriundo do mato, matuto.”. (CHIARADIA, 2008).

Rosetas de maiz” (RAE, 2021: s/p.)<sup>10</sup>, também já incluída no dicionário da Real Academia Española.

“**jururu**” adj. Bras. Tristonho; melancólico (FIGUEIREDO, 1913) – Neste caso podemos concluir que **juru** significa “boca” e **ru** significa “inchaço”; quando estamos tristes o melancólicos, ficamos com a boca “inchada”. “Jururu – De yuru-ru – Boca comprida, bico comprido, isto é, triste, pensativo, melancólico. Muito usada a expressão *ficar jururu*, ficar triste, ensimesmado.” (SILVEIRA BUENO, 1984: 181). Da mesma palavra **jurru** vem **Jurua** (pessoas não indígenas); Juru (boca) + a (pelos), pelos ao redor da boa, ou seja, barba; os indígenas se caracterizam por carecer ou ter pouca barba. Também pode ser “a) juru-á – a boca aberta, ampla, foz larga” (CHIARADIA, 2008: 392). Na busca de polêmica de ser “não indígena” também podemos dizer que a letra que “a” que acompanha a “boca” (juru) seria “sem” e ausência”, assim seria “sem ou ausência de boca” ou de palavras a pessoa “não indígena” (CANESE, 2018); obviamente este último conceito aqui descrito é mera especulação nossa.

“**pindaíba** f. Corda, feita de palha de coqueiro; ibira. \*Bras., gír. de estudantes. Falta de dinheiro” (Figueiredo 1913). Segundo o Glossário Ilustrado de Tupi, Pindaíba “é quem tem um anzol (**pinda**) ruim (**iba**) num lugar em que o alimento principal é o peixe, está mal e não tem o que comer. Por isso, quando alguém diz que está na pindaíba, está muito mal de situação, na maior miséria” (BENEDITO, 2014: 88). Nos termos atuais, em guarani, podemos dizer **pinda ivai** que literalmente significaria “anzol ruim”. Entretanto, existe outra explicação para pindaíba, que poderia ser o quimbundo, palavra em língua africana na qual localizamos *mbinda*, que significa “miséria”, e *uaiba*, que significa “feia”; por tanto a *mbindaiba* (miséria feia).

**Toro**, expressão que significa chuva forte; segundo o professor Navarro, a palavra **toro** é

---

<sup>10</sup> Segundo o *Dicionário de la Lengua Española*, publicado pela RAE. Disponível em: <https://dle.rae.es/> Acesso em 09 de junho de 2021.

apócope de **tororo** e que vem de **tororóma**, cujo significado é “jorro, jato, borbotão”, **Ytororo** jorro d’água (Navarro, 2013). Para Sampaio (1987), **Toró** já é *corruptela*<sup>11</sup> de “**Tog-r-ó**, a coberta espessa, a casca grossa. Designa uma espécie de tatu, o maior (*Dasypus Gigas*), vulgo tatu-canastra, de cuja cauda faziam os índios o **toré** ou **boré**. Rio Grande do Sul” (SAMPAIO, 1987: 336)

“**Cutucar**: v. tr. (Bras.) dar sinal a, tocando com o cotovelo ou com o pé, etc.; chamar a atenção de: Estava eu parado ante um mostruário, no Rio, quando alguém me *cutucou* as costelas. (Monteiro Lobato, Urupês, p. 224, ed. 1923.) Também se diz *catucar*.” (Aulete s/p). Originalmente vem do tupi antigo **kutuk** (espetar, cutucar, furar) e se mantém no guarani atual como **kutu** (fincar, ferir, com instrumento de ponta, pescar) (ASSIS, 2008).

**Pereba**. “f. Bras. do N. Sarna. Erupção herpética. Pequena ferida. (Do guarani peréb) (Figueiredo 1913). **Pere** “Cicatriz, marca en el cuerpo” (TRINIDAD SANABRIA, 2008). Entretanto no dicionário de Navarro (2013), encontra-se a palavra **pereba** como sendo ferida, chaga (do tupi antigo).

**Mutirão**<sup>12</sup> “1. Trabalho coletivo, sobretudo no meio rural, em prol de melhorias para a comunidade. 2. Qualquer mobilização de pessoas, coletiva e gratuita, para executar um trabalho” (AULETE s/p). Esta expressão é de origem indígena, segundo a explicação da professora Ana Suelly Cabral, pesquisadora de línguas indígenas: “Mutirão – do Tupi-Guaraní: **pitibõ**, **popitibõ**, **picorõ** = ajudar” (FRANZIN, 2015 s/p). Em guarani moderno,

---

<sup>11</sup> **Corruptela**: neste trabalho, evitamos utilizar este termo, preferimos utilizar “variações linguísticas”. Marcos Bagno critica a quem considera **corrupção** essas variações: “Não é difícil encontrar intelectuais renomados que lamentem a “corrupção” do português falado no Brasil, língua de “matutos”, de “caipiras infelizes”, arremedo tosco da língua de Camões. É o que escreve, por exemplo, Arnaldo Niskier, presidente da Academia Brasileira de Letras...” (Bagno, 2007: 21)

<sup>12</sup> **Muxirão** substantivo masculino. Auxílio mútuo que prestam os lavradores entre si, muito comum no interior do Brasil. Quando um trabalhador rural precisa de um serviço grande que não pode fazer sozinho, por exemplo, construir sua casa, fazer a colheita ou o plantio, convida todos os vizinhos para um muxirão. No dia marcado, todos chegam com seus instrumentos de trabalho, e o serviço é feito coletivamente. O trabalho é feito gratuitamente, mas o camponês beneficiado com o serviço deve garantir a comida e a bebida. (A palavra tem numerosos sinônimos e variantes regionais: mutirão, putirão, ademão, adjutório.) Disponível em: <https://www.dicio.com.br/muxirao/>. Acesso em: 19/10/2020.



aproximamos o sentido de “mutirão” à palavra **pytyvõ**, que significa “ajuda mútua”.

**Capoeira** é uma arte marcial brasileira que nasceu em grupos de afrodescendentes. Essa palavra também é encontrada em várias etnologias que explicam sua origem: uma delas diz que vem da expressão “ka’a kuera” o “o que foi do mato” e outras explicações dizem que “Capoeira – do Tupi-Guarani: co-poera = roça velha.” (FRANZIN, 2015 s/p). Seria como uma floresta antiga, um sinal de que os afrodescendentes também usavam a língua nativa alguns séculos atrás.

“**Nhenhém** sm. 1. Bras. Pop. Conversa interminável, tediosa, a que faz rodeios para evitar o ponto central do assunto” (AULETE s/p). Essa palavra que nos lembra a palavra “ **ñe’ẽ** ” (falar) é uma das mais usadas na vida cotidiana da sociedade brasileira e fica claro para os falantes qual é a sua origem. Provavelmente na época da colonização havia uma barreira linguística entre os portugueses e os indígenas, estes últimos não estavam interessados nas intermináveis conversas dos outros, no “falar, falar, falar” dos colonizadores (**ñe’ẽ**, **ñe’ẽ**, **ñe’ẽ**). “Daí se origina, no P.B., a palavra nhenhém, ‘falatório interminável’, ‘lenga-lenga’”. (NAVARRO, 2013: 337)

Nesta parte do trabalho trouxemos alguns verbos, adjetivos e substantivos que ainda são utilizados nos dia-a-dia pela maioria dos brasileiros. Isto é mais um exemplo da importância que tem a origem indígena na sociedade, que mesmo sendo proibida essa língua, ela está presente resistindo à eliminação na qual foi submetida ao longo dos cinco séculos.

### **O TOPÔNIMO TUPI-GUARANI – AVAÑE’Ë TENDA RÉRAPE**

Uma das características dos grupos dos guarani (família tupi-guarani) é que sempre colocam nomes a tudo que encontram<sup>13</sup>. A isso justificamos que, mesmo não sendo o grupo

---

<sup>13</sup> Entretanto, o Sampaio, em 1901, escreveu no *O tupi na Geografia Nacional*, declarando que, em sua maioria, os topônimos de origem tupi foram frutos das obras colonizadoras como as das missões e dos bandeirantes e que não seriam dos próprios indígenas: “...deve-se a sua mais notável expansão aos próprios conquistadores europeus, às numerosas expedições ou *bandeiras* que penetraram nos sertões para descerem escravos índios e para a pesquisa do ouro; deve-se principalmente à catequese que tomou *geral* esse idioma bárbaro e o cultivou.”

majoritário, a maior parte da fauna e flora brasileiras tem os seus nomes originados nesta família linguística. Segundo a professora Ana Suelly Cabral, “cerca de 80% das palavras que nomeiam as plantas e bichos brasileiros são oriundas do Tupinamba, o mais conhecido idioma nacional nativo” (FRANZIN, 2015).

É pelo uso da língua que cada grupo humano nomeia o ambiente que o cerca em função, principalmente, de suas necessidades mais imediatas. Isso, de alguma maneira, denota a interinfluência que existe entre a linguagem e a forma como a população relaciona-se com o ambiente. Assim, a toponímia constitui importante área do conhecimento humano capaz de revelar características do ambiente físico e de aspectos da cultura, da sociedade, da história e da geografia dos aglomerados humanos inclusive estabelecendo vínculos teórico metodológicos com essas áreas (SANTOS, 2013: 74).

A forma pela qual os lugares são nomeados abrange uma cadeia de aspectos que, para os indígenas, passa pelo que mais abunda no lugar, bem como o modo pelo qual isso os ajuda na caça, na pesca, no resguardo pessoal etc. Assim, também são as características do lugar ou do caminho, como o *Peabiru*, *tape* (caminho) + *aviru* (fofo, murcho, esponjoso), alguns traduzem como “gramado amassado”, desta forma pode-se perceber como era o caminho naquela época. Se referindo a esta língua originária, Eduardo Navarro classifica quantitativamente a toponímia tupi:

Esses nomes estão em segundo lugar, depois dos de origem portuguesa, em número de ocorrências na toponímia brasileira. Os nomes geográficos com origem em outras línguas indígenas são pouco expressivos e acham-se restritos a certas áreas do território brasileiro, ao contrário dos nomes de origem tupi, que se encontram em quase todo o país. (NAVARRO, 2020: 39).

Pode-se exemplificar o que consta em Navarro por meio da geografia do Brasil, em que encontram-se muitas palavras de origem guarani<sup>14</sup>, e que, desde o início, muitos deles sofreram alteração devido às dificuldades que os europeus tiveram em pronunciar algumas vogais, principalmente o *Y* (vogal central alta [i]) “som gutural parecido com o /ũ/ alemão, o

---

(Sampaio, 1987: 68). Na versão própria dos indígenas, principalmente guarani, defendemos que sempre houve e há nesta cultura o exercício enraizado de nomear.

<sup>14</sup> Esclarecemos a expressão “origem guarani”, que utilizamos em homenagem ao povo guarani que sobreviveu ao etnocídio. Claro está que quando estes nomes começaram a ser utilizados, não existia a denominação “guarani”, termo que foi dado pelos que aqui vieram depois.

/y/ do russo e o /ii/ do francês. É um som gutural, produzido por estreitamento e contração da garganta” (Assis, 2008: 417). Por esse motivo, todas as palavras que indicam “rio” ou “água”, no Brasil, são transformadas em “i”, ou “u”, conforme os exemplos do Quadro 1.

Quadro 01 – Exemplos de alterações no uso do “y” por “u” e “i”.

| Em português | Em Guaraní atual | Significado em português                 |
|--------------|------------------|--|
| Capivari     | kapivary         | <i>Rio das Capivaras</i>                 |
| Iberá        | Yvera            | <i>Água que brilha</i>                   |
| Ibicuí       | Yvyku’i          | <i>Rio das Areias Finas</i>              |
| Ibirapuitã   | Yvyrapyã         | <i>Rio da Terra da Madeira Vermelha</i>  |
| Ibirocaí     | Yvyra ka’i       | <i>Rio das matas de macacos (bugios)</i> |
| Icarai       | Ykarai           | <i>Água santa, benta</i>                 |
| Icatu        | Ykatu            | <i>Água boa</i>                          |
| Icem         | Y he’ê           | <i>Água doce</i>                         |
| Tiete        | Syete            | <i>Madre verdadeira ou virtuosa</i>      |
| Iguaçu       | Yguasú           | <i>Rio grande</i>                        |
| Iguapé       | Yguape           | <i>Enseada</i>                           |
| Ijuí         | Yju’i - Yhyjúi   | <i>Rio das Rãs / Rio das Espumas</i>     |
| Inhanduí     | Yñandu           | <i>Rio da Ave que Caminha Apressada</i>  |
| Ipanema      | Y-pa-ne-ma       | <i>Rio das águas poluídas</i>            |
| Ipiranga     | Ypyã             | “y” (rio) + “pitanga-piranda” (vermelho) |
| Ipiranga     | Y-pira-anga      | <i>Água + peixe + imagem</i>             |

Fonte: Elaborado pelos autores

De fato, existem outras traduções possíveis e as traduções oficiais adotadas, principalmente, pelas prefeituras, no caso de cidades que levam esses nomes. Na última palavra, *Ipiranga* tem a tradução em vários dicionários topônimos, dentre os quais escolhemos a de Eduardo Navarro (2013). Entretanto, à luz do novo guarani, poderia ser interpretada como a imagem do peixe na água: Y-pira-anga (*água + peixe + imagem*); cabe destacar que “anga” também poderia ser “alma”. Da mesma forma, em *Ipanema*, as traduções trazem “rio de águas poluídas” ou “água ruim, rio sem peixes”, neste caso podemos entender

melhor quando analisamos desde o guarani atual: *Y* (água ou rio), *pa* (final ou término), *ne* (fedor) e *ma* (já); “água já sem vida e fedorenta” (tradução nossa).

Os nativos davam os nomes aos locais com base no que abundava na região. Por isso, os nomes dos rios começam ou terminam com *y* (água), que, com a alteração da pronúncia, passou a */i/*, como pudemos verificar. Além disso, o nome de várias cidades e bairros permaneceram diferentes devido à pronúncia difícil, como é caso do bairro do Ibirapuera e outros:

**Ibirapuera.** (*ybyrá* + *pûer* + *-a*) significa 'árvores velhas' (Navarro, 2013), também traduzida como “Pau podre ou árvore apodrecida”. No guarani atual, o som é a mesma *yvyra* (árvore, plantas) + *-kue* (usa-se *ngue* com palavras nasais) é sufixo que pode indicar: tempo passado, coisa antiga, resultado de, durante etc. (ASSIS, 2008: 160).; assim também poderia ser *kuéra* que indica plural, *yvyra* (árvore), *yvyrakuéra* (muitas árvores). Essa expressão (árvores antigas) nomeia o parque mais importante localizado no maior centro urbano do Brasil, que é a cidade de São Paulo.

**Piratininga,** São Paulo de: “Piratininga e. **Pirá-tininga**, o peixe a secar; o seca-peixe. Designa rio que, por efeito dos transbordamentos, deixa peixe fora e o deixa em seco, exposto ao sol”. (SAMPAIO, 1987: 303). **Tininga** é uma palavra originária do tupi com indica Eduardo Navarro “**tininga**1 - Coisa seca: coisa mirrada ou muito seca”(NAVARRO, 2013: 478); em 1724, Antonio Ruiz de Montoya utilizava **Tiningatú**, como “seco” (Montoya, 1724), enquanto Paulo Restivo **Tinini** como “enxuto o seco” (Restivo, 1724: 18). Porém, não se manteve na sua forma total para a língua Guarani da atualidade, o que se aproxima é “**Tini** – (adj.) muito quente, tempo de muito calor” (ASSIS, 2008: 387). Neste caso, não podemos confundir com “**tinga** *adj.* Branco, alvo, claro. *Alt. Ti, Tin.*” (SAMPAIO, 1987: 330). Por isso, **piratinga** é peixe branco enquanto **piratininga** é peixe seco. Atualmente, a maior cidade do Brasil, São Paulo, não utiliza mais o complemento do seu nome Piratininga.

**Pacaembu.** Segundo o dicionário tupi-guarani<sup>15</sup>, o nome vem de um riacho que sofreu inundações frequentes (paã-nga-he-nb-bu); no nome indígena, seria um “atoleiro” ou terra “inundada”. Segundo Eduardo de Almeida Navarro, Pacaembu vem do antigo Tupi, cujo significado é “córrego das pacas”, por meio da junção de *paka* (paca) e 'yemby' (córrego) (NAVARRO, 2013: 590). Não encontramos outras explicações para “paã-nga-he-nb-bu”, que podemos confirmar a partir do Guaraní atual, *paã*, que nos remete a *pa'ã*, que, segundo o dicionário de Natalia Krivoschein de Canese e Feliciano Acosta Alcaraz, é: “Trancado, varado. 2. S. Obstrucción, trancadura, Atolladero, dificultad. 3. v. pr. Trancarse, obstruirse, atascarse, atorarse” (CANESE, 2018: 84). Então deferimos que o nome do bairro (e do estádio) do município de São Paulo tenha sido um pântano.

**Morumbi.** É o nome do estádio do clube de São Paulo, localizado no bairro homônimo e considerado o local onde moram as pessoas mais privilegiadas da cidade. A epistemologia nos diz que há duas explicações: “morro verde” e “mosca verde”, por meio das duas terminologias *moru* “mosca” e *oby* “verde” (Chiaradia, 2008). Nesse contexto, segundo as nossas próprias observações, há mais semelhanças com o segundo significado, porque *moru* é semelhante a *mberu* “mosca” e *oby* é *ovy* “verde. Adj. Hovy, ovy, sa'yky” (CANESE, 2018: 265). Mas, segundo Eduardo Navarro, *Morumbi* “da língua geral meridional, com a mesma etimologia de *Marumbi*”; que ao mesmo tempo significa “peixes grandes” ou “lagoa cheia de taboas” (Navarro 2013: 586). Por outro lado, se buscamos outra origem da palavra Morumbi, encontramos nos dicionários paraguaios o Morombi. “1. (adj) Tacaño, miserable. 2. Enclenque, enfermizo, arruinado” (TRINIDAD SANABRIA, 2008: 145). “Hambriento, inútil, infeliz” (CANESE, 2018: 68). Estes dois dicionários paraguaios demonstram a negatividade do significado; assim também encontramos no dicionário monolíngüe guarani: “Morombi. (terojá). Tekove pigue, kangy, kaigue, opáichagua mba'asy rei oipyhýva: mitã morombi”.

---

<sup>15</sup> Site <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/pacaembu> - acesso 22/03/2020.

(SERVÍN, 2003: 143)<sup>16</sup>, e indica que é “vida anêmica, fraco, frouxidão, quem pega qualquer tipo de doença: criança doentia”, todos esses termos reforçam o “mesquinho e miserável” da significação da palavra. Provavelmente, o nome foi outorgado pelos nativos se referindo às pessoas que moravam no lugar que mais tarde foi chamado de Bairro de Morumbi. Essas explicações nos lembram que na cultura guarani existe o **Teko Jekopýty** (solidariedade) contrário ao **Teko Morombi** (vida mesquinha)<sup>17</sup>.

**Maracanã.** Foi considerado o maior estádio do mundo e seu nome oficial é Jornalista Mário Filho. O seu significado, em guarani, é "papagaio" ou “aves psitacídeos”. No entanto, também há outras traduções, como maraka-nã, “que imita maracá”, instrumento usado em festas indígenas.

**Itaquera:** Nome do bairro localizado na região da zona leste da cidade de São Paulo, também leva o nome do estádio do clube Corinthians, que foi o palco de abertura da copa do mundo em 2014. Em várias pesquisas indicam como originada do tupi-guarani e que significa "pedra dormente" ou “pedra velha”. Na página da prefeitura da cidade de São Paulo<sup>18</sup>, encontramos que *Itaquera* significa *pedreira velha*, de *Ita* (pedra) + *quera* = velha; pode ser também, apenas *pedreiras* ou *pedra*, o *site* oficial também esclarece que “uma vez que se utilizarmos o sufixo na forma de *cuera*, este tem o sentido de plural”; a propósito, *Kuera* é um “morfema flexional de número” (Castilho, 2014: 685). Segundo Cecy Fernandes de Assis, “-*Kuéra* – sufixo (nguéra com nasal) sufixo de plural, quando o plural estiver claro ou subentendido não se usa (Assis, 2008: 161)”<sup>19</sup>. Navarro (2013: 575) indica uma só tradução “de *ita* + *ker* + *-a*: pedra dormente”, porém, traduzindo pelo guarani atual podemos entender também como

---

<sup>16</sup> *Dicionário monolíngüe em guarani*. A nossa tradução: “MOROMBI (adjetivo). Vida anêmica, fraco, frouxidão, quem pega qualquer tipo de doença: criança doentia”.

<sup>17</sup> Esta última parte da nossa reflexão foi lembrada pelo professor Miguel Angel Verón, durante a banca qualificação do doutorado.

<sup>18</sup> Site oficial da prefeitura de São Paulo: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/> acessado 23.03.2020

<sup>19</sup> *Kuéra* ou *nguéra* não é de uso obrigatório como indica Assis (2008). Somente é utilizada na necessidade de indicar que há vários ou muitos. Não existe concordância de número em guarani.

“pedra que sonha” *ita* (pedra) *kéra* (sonhar), porque dormir (verbo) em guarani é *ke* e sonhar (substantivo) é *kéra*. Por esta razão, sugerimos a tradução mais conveniente para quem defende o bairro ou o clube do lugar como “pedra que sonha” ou melhor “o sonho da pedra”, considerando que na cultura originária todos os elementos da natureza tem “vida” e possuem linguagem comunicativa.

A partir dessas premissas, fica evidente a relação entre o homem e o ambiente, sendo este o ponto principal para o surgimento do topônimo, pois o homem tem a necessidade de nomear o ambiente físico-social que o cerca, transformando o espaço em lugar. (SEIDE & LUCAS, 2018: 171)

A premissa indicada refere-se à relação inseparável entre a língua específica e a sociedade que a utiliza como meio de expressão. Esses valores perpassam necessariamente a sua relação com o meio em que vivem, no caso dos indígenas, a natureza ou o meio ambiente.

Pelo mesmo Meio Ambiente que ainda sobrevive insistimos em chamar a língua originária pelo tronco a que corresponde, considerando o lugar do seu início e que, mesmo com os mais de 500 anos de genocídio dos seus falantes ainda respira vida nos nomes dos vários bairros da maior cidade do Brasil. Em relação a esses nomes indígenas do Brasil Gomes de Melo defende que “provém de diversos troncos linguísticos, muito embora a grande maioria dos nomes de lugares seja de origem tupi, por ter sido essa a língua mais falada na costa do Brasil” (MELO, 2013 :163). Embora existam diversos trabalhos indicando que naquela época já havia diferenças idiomáticas nas falas entre os grupos de originários, persistimos na idéia que eles conseguiam se comunicar entre si porque tinham a mesma relação com a terra onde viviam. Esta terra que com o decorrer do tempo lhe foram expropriados junto com as suas próprias vidas.

## **OS ESTADOS DO BRASIL**

O território brasileiro é composto por 26 estados mais o Distrito Federal. Dentre os

estados, dez são considerados com nomes de origem tupi-guarani:

**Amapá** – segundo Eduardo Navarro, “Na língua geral setentrional, nome de uma árvore apocinácea<sup>20</sup>”. Esta língua considerada extinta deu origem ao Nheengatu, ainda falado atualmente (NAVARRO, 2013: 542). Também se pode encontrar outras traduções, como “lugar de chuva” *ama* (chuva) e *pába* (lugar de). Algumas versões dizem que o nome teria vindo do Nheengatu, “uma espécie de dialeto tupi jesuítico, que significa 'terra que acaba', ou seja: 'ilha'. Também pode se referir à árvore amapá (*Hancornia amapa*), muito comum na região”. Sua seiva é utilizada como revigorante e estimuladora do apetite (GIRARDI, 2007: s/p).

**Ceará.** Fala ou canto de papagaios. De *ce* (‘fala ou canto’) + *ará* (‘papagaio’) (CORREIA, 2016: 16), também incluímos “vem de 'ciará' ou 'siará' - 'canto da jandaia', em tupi, um tipo de papagaio pequeno e grasnador” (GIRARDI, 2007: s/p.). Outra tradução, seguindo do “siara”, que poderá ser *Sy* (mãe, origem), *Ára* (sol, dia, tempo, céu), “o tempo da origem ou tempo da mãe”.

**Goiás** — “deriva do nome dos índios guaiás<sup>21</sup>, que ocupavam a região (central do Brasil) no final do século 16 quando lá chegaram os bandeirantes em busca de ouro” (GIRARDI, 2007: s/p.). As línguas faladas pelos indígenas da região não eram da família linguística Tupi-guarani, entretanto, os topônimos de origem indígena de Goiás, em sua maioria, são de base linguística derivada do tupi, ou Língua Geral Paulista (LGP). Os índios Goya não são muito conhecidos. Mesmo que do ponto de vista folclórico, foram muito mitificados, sendo incluídos dentro da cultura imaginária indigenista “em torno do *volksgeist*<sup>22</sup>, que cerca a total

---

<sup>20</sup> Nome científico: (*Parahancornia amapa*). Popularmente chamada de “amapazeiro”, a espécie encontra-se ameaçada, por causa da sua exploração para extração da seiva.

<sup>21</sup> Índios Guaias: podemos levantar a hipótese de que a origem da palavra “guaias” esteja relacionada ao verbo **guaiar**: verbo intransitivo. (Brasil e antigo). Soltar ais ou lamentações. Queixar-se; lamentar-se (Figueiredo, 1913: 992). “A tribo que batiza o Estado de Goiás foi completamente extinta (não restou sequer uma imagem). Ninguém sabe como eram, que língua falavam nem como viviam.” (Bastos, 2016 s/p)

<sup>22</sup> “Espíritu Del Pueblo. Traducimos con esta expresión el término *Volksgeist*, tan usado por Hegel y por algunos de los llamados románticos alemanes. Podría asimismo verterse por 'Espíritu nacional', si no fuese por las



falta de informações científicas acerca da verdadeira existência de uma população de índios Goya”; igualmente, que o termo “goyá” se referia à gente do mesmo povo tupi ou parecido, “indivíduo semelhante aos tupi” (SANTOS, 2013: 126).

**Maranhão.** “*corr.* Mbará-nhã, o mar corrente; o grande caudal que simula o mar a correr. *Alt.* Maraná, Paraná. V. Mbará.” (SAMPAIO, 1987: 280). Como podemos perceber o som de “mba” é parecida com o som de “pa”, acreditamos que seja por isso que a palavra “pará” possa ser pronunciada por “mbará” (hipótese nossa).

**Pará.** *Pará* - vem da palavra tupi ”pa'ra”, que significa “mar”. Esse foi o nome dados pelos índios para o braço direito do rio Amazonas que, ao confluir com o Rio Tocantins, se alonga muito, parecendo o mar (GIRARDI, 2007: s/p.). Para Navarro (2013), Pará é o antigo nome dos rios Amazonas e São Francisco, traduzido como “rio grande”.

**Paraíba.** Rio ruim, imprestável. De *pará* (rio grande ou mar)) + *aíba* (‘má, imprestável, ruim’) (CORREIA, 2016: 16). Portanto, *Paraíba* significa “mar ruim, impraticável para a navegação’. O nome foi inicialmente dado ao rio e, depois, ao estado (GIRARDI, 2007: s/p.).

**Paraná.** Formado pela junção de “para” com “ana”, que significa “semelhante, parecido ao mar”. A palavra serviria para designar um rio semelhante ao mar; este aspecto específico Clóvis Chiaradia (2008) cita a Montoya. Para Navarro (2013), Paraná é palavra das línguas gerais coloniais, que, “em tupi antigo significa mar”, mas, nos “textos setecentistas o texto *paraná* ou *paranã* já aparece, inclusive na toponímia, com o sentido de rio” (NAVARRO, 2013: 590).

**Pernambuco** – vem de *Paraná* – mar + *puka* - fenda: “fenda do mar, mar furado”, assim também “chama-se de Pernambuco, que quer dizer mar furado, a respeito de uma pedra furada, por onde o mar entra” (NAVARRO, 2013: 592.). Os índios usavam essa palavra para

---

connotaciones políticas posteriores que ha arrastrado el adjetivo 'nacional' y que no estaban incluidas en la idea de *Volk*.” (Ferrater Mora, 1958: 571).

os navios que furavam a barreira de recifes.

**Piauí.** Rio dos pias (Piaba). De *piau* (caracídeos, família de peixes de água doce) + *y* (rio) (CORREIA, 2016: 16). *Piaba* e *piava* procedem do termo tupi *pi'awa*, que significa "pele manchada". Realmente, "pi" significa pele em tupi como no guarani atual, porém, não conseguimos confirmar que "awa" seja manchada. Aqui lembramos que no guarani atual o lambari tem o nome de "piky".

**Sergipe.** No rio dos siris. De *siri* + *y* (rio) + *pe* (no) (CORREIA, 2016: 16). *Sergipe* é uma terminologia de origem indígena que significa "no rio dos siris". Também Chiaradia (2008) define que "siri" significa "liso, escorregadio. aquele que desliza." (CHIARADIA, 2008: 591) daí vem o nome do crustáceo. A expressão no guarani atual poderia ser escrita *siri'ýpe* que, na linguagem dos "colonizadores", tornou-se *Sergipe*.

**Tocantins.** Nariz ou bico do tucano. De tucano + *tĩ* (ponta, bico, nariz) (GIRARDI, 2016). "Gentio que deu o nome ao rio que usava na cabeça o couro de tucano com o bico" (CHIARADIA, 2008: 649), por este motivo Tocantins, "Chama-se rio dos Tocantins, por uma nação de índios deste nome, que quando os portugueses vieram ao Pará o habitavam", de *tukana* + *tĩ*: bicos de tucanos (NAVARRO, 2013: 603).

Dos 26 estados nacionais encontramos dez que se originaram do tronco Tupi. A isto poderíamos ter incluído ao estado de São Paulo porque o seu nome original era "São Paulo de Piratininga". Entretanto não é pela quantidade de estados que será mais ou menos importante a raiz indígena brasileira; neste caso somente considerando os nomes de cada parte da sua federação política. Assim fomos enumerando algumas vertentes diferentes da nossa origem desde a sua língua primeira; iniciou-se com elementos gramaticais depois exploramos alguns nomes de rios, alguns bairros da cidade de São Paulo e finalmente os estados. Claramente deixamos entendido que não esgotamos nenhuma das áreas citadas, além desses há outros campos como a gastronomia também fortemente impactada, assim como a fauna e flora, que

como já indicamos também trazem os seus nomes de origem na família lingüística Tupi Guarani.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pindorama (Brasil) é um país de profundas raízes indígenas; ele é filho daquele pai supremo chamado tupi ou tupinambá (povo de Deus) e de uma linhagem que os especialistas chamam hoje de família lingüística de Tupi-Guarani. O brasileiro costuma chamar essa língua-cultura por esse nome composto “tupi-guarani”, talvez para se diferenciar de outros países, principalmente do Paraguai, que adotou o nome de “guarani” como seu; mas, segundo o *Caderno Mapa Guarani Continental*, de 2016, o Brasil é o país onde habita a maior quantidade de guaranis originários, atualmente, com 85.255 pessoas, seguido por Bolívia, com 83.019; Paraguai, com 61.701; e Argentina, com 54,825 (EMGC, 2015: 11). Este seria mais um motivo para denominarmos a nossa língua somente com uma palavra, “guarani”, que, há alguns séculos era a língua mais falada no país, naquela época chamada de Língua Geral ou Nheengatu, esta última, viva ainda hoje na região norte do país.

Costumamos ouvir “o guarani *mbya*”, “o guarani paraguaio”, “o guarani correntino” e, mais recentemente, “o guarani boliviano”. No Brasil, há muito tempo existe o “tupi-guarani”. No Paraguai, “o guarani acadêmico” e “o guarani *jopará*”; o guarani isto, o guarani aquilo. Obviamente, não podemos negar que eles existem, da mesma forma que existem também “o inglês britânico” e “o inglês americano”; existem “o português brasileiro” e “português outros”. Se observarmos bem o português de Portugal perceberemos muitas diferenças com relação ao português do Brasil. São poucos os brasileiros que conseguem entender muito bem o português falado em Portugal. Mesmo assim ela tem um só nome: língua portuguesa. Assim também quem quer estudar inglês vira simplesmente “estudante de inglês”. Ninguém afirma “eu estudo inglês britânico” ou “eu estudo inglês outros”; simplesmente afirma “estudo inglês” e ponto. Posteriormente, querendo aprofundar mais o tipo de estudo ele poderá informar que tem um professor americano ou britânico. Será que também não podemos ter o mesmo tratamento com a língua guarani?<sup>23</sup> (VILLALVA FILHO, 2013, 261; apud FORTES, 2015: 126)

<sup>23</sup> Tradução do autor do texto original em guarani: “Heta ñahendu upérupi “guarani *mbya*” “guarani paraguay”, téra “guarani correntino”, ramoite ahendu havei “guarani boliviano” ko Brasil-pe ymaiteguive oĩ “tupi-guarani”, Paraguáipe “guarani acadêmico” ha “guarani *jopara*”, guarani péa, guarani amóa. Ndaikatúí ja'évo umia ndaipoiriha; oĩ; oĩhaicha avei “inglês britânico” ha “inglês americano” oĩ “português brasileiro” ha oĩ “portugues” ambuepegua. Ñamañarõ porãvo ko “português de Portugal” hahechata heta ojojavyha brasil-guagui. Ndahetái Brasil-gua oikumbýva umi Portugal-gua oñe'êva ha upecharó jepe peteichande ojehero “língua portuguesa”, péicha avei umi *ingles*-pe oñemoaranduséva oho oikochugui “Ingles”; temimbo'e, nde'iri “che añembo'e *ingles*”

Segundo Fortes (2015: 126) por meio das reivindicações políticas busca-se uma visão mais igualitária entre as línguas; neste caso, a língua-cultura guarani sobreviveu ao etnocídio porque ainda tem o seu espaço simbólico constituído pela historicidade e com forte representação nacional. E não somente a cultura sobreviveu os seres humanos que a falam também. A estes seres humanos que ainda falam a mesma língua chamamos somente de “guarani” independente das suas variantes linguísticas e políticas em que estão submetidos nos diferentes países<sup>24</sup>.

Como mencionamos anteriormente, parece-nos importante trazer a literatura brasileira para refletir sobre a defesa do nosso tema, a língua originária. Por meio da personagem Policarpo Quaresma, conforme dissemos, foi exposta a questão da “petição de oficializar a língua originária” como a única realmente própria do país. Mas, como o próprio título diz, “triste fim”, essa história ficcional tornou-se realidade, a mando do político português Marquês de Pombal, que determinou o fim dessa língua. Retomando Alves (2009), caso essa medida não tivesse sido efetivada, muito provavelmente, hoje, o Brasil seria uma nação bilíngue (português e guarani), similar à situação linguística do Paraguai.

TUPI c. **Tu-upí**, o pai supremo, o primitivo, o progenitor. Esta interpretação corresponde à grafia francesa **tououpí**, que se encontra como radical do nome **tououpinambaoult**, segundo Jean de Léry que Ferdinand Denis reconhece ser de uma exatidão admirável. Varnhagen interpretou **tupí** ou **typí** como exprimindo - os da primeira geração. Simão de Vascelos interpretou **tupí** como sinônimo de **tupã**, pois que **tupí** quer dizer o pai supremo, e traduziu **tupinambá** como povo de Deus. Cumpre, entretanto, notar que alguns viajantes e escritores do século **XVI** escreveram também - **tuppim** ou **tupin**, que quer dizer, tio, o irmão do pai (SAMPAIO, 1987: 335).

O pai supremo-sublime Tupi (*tuva* + *jupi*, pai que se eleva), apesar de ser o

---

*britânico* terá añembo'e *inglês* amogua, ha'e he'iminde “ingles” ha opá upepe; anga uperire omohypy'üve ha'gua imarandu, ikatu he'i imbo'ehára ha'eha “americano” terá “britânico”. Péichande avei piko naikatúí ja'e Guaraníre?” (Villalva Filho, 2013, 261 como citado em Fortes, L. 2015: 126).

<sup>24</sup> Existe o grupo de guarani representantes nos três países que integram o “Concejo Continental de La Nación Guarani”.

“primitivo”, na primeira geração, virou o tupinambá, o povo de Tupã<sup>25</sup>, que se transformou em guerreiro (guarani<sup>26</sup>). Até o dia de hoje, a língua desse povo vive em algumas palavras adotadas pelos *jurua*s (não originários), assim também os seres humanos, donos dessa língua-cultura, lutam para sobreviver e ganhar o respeito da sociedade.

Nesse sentido, a partir da língua-cultura, também enfocamos neste trabalho às temáticas voltadas sobre a relação do ser humano com o meio ambiente - entenda-se o planeta. Seria notório conscientizar os(as) brasileiros(as) sobre a importância do resgate e do fortalecimento da língua-cultura originária, compreendendo os processos de mudança linguística em decorrência do contato com a língua portuguesa, como procuramos demonstrar anteriormente. Tomamos, como exemplo emblemático desse processo, a pronúncia dos elementos mais importantes na nomenclatura da terra: a vogal-palavra<sup>27</sup> “y” (água) que, sendo a que provê a vida, está junto com “yvy” (terra), acompanhando também “yvyra” (plantas) e “yvytu” (vento ou ar).

Outros exemplos desse processo de mudança seriam os nomes de rios e córregos no Brasil, que tiveram seus significados alterados, como “Jacareí”, que parece mais “jacarezinho” do que rio dos jacarés. Do mesmo modo, o nome do rio “Tietê” também sofreu a influência da civilização ocidental de *ty + ete*: “rio muito bom, rio a valer” (NAVARRO, 2013: 602). O termo também foi traduzido por Silveira Bueno (p.326) para mais duas possibilidades: a primeira dessas definições seria *y* (água, rio) + *etê* (verdadeiro), assim, *Tietê* seria o “rio verdadeiro”; o segundo significado seria a repetição da palavra “tiê-tiê” (pássaro-pássaro) que, na época em que os tupi viviam às margens do rio, era “repleto de tiês” (Silveira, 1984: 326). Deparamo-nos, ainda, com outra tradução, que não foi encontrada na

---

<sup>25</sup> “Tupã pode proceder de **tub** = **tup**, que quer dizer pai, e **ã**, erguido, superior, isto é, *pai superior, pai do alto, pai que está nas alturas ou no céu*’ (Sampaio, 1987: 55).

<sup>26</sup> Guarani vem de **gûarinĩ**, guerreiro “1) guerra; 2) guerreiro, soldado”. Em tupi antigo: “*Asó gûarinĩramo* –vou à guerra, vou como guerreiro” (Navarro, 2013: 135)

<sup>27</sup> Todas as vogais em guarani são também palavras ou sufixos com conceitos bem definidos podendo ser substantivos ou verbos.

literatura acadêmica, mas somente em vídeo<sup>28</sup>, indicando que Tietê seria: Txy (mãe) + etê (virtuosa – verdadeira); ou seja, o rio Tietê seria uma mãe virtuosa que dava vida e alimentação aos moradores ribeirinhos. Muito além das fronteiras entre os países da região, a língua-cultura sobrevive nos lugares e na comunicação dos seres humanos, cujos antepassados nomearam. Não é objetivo enaltecer somente essa língua-cultura, mas sim a vida e a forma de ser de quem ainda busca a sua “mãe virtuosa ou verdadeira” representada no vídeo da página Xamã Cientista como “Yguaçu Cyaeté”, (água grande mãe virtuosa) na atualidade é considerado como um esgoto ao céu aberto.

Recebido em 21/06/2020  
Aceito em 20/07/2021  
Publicado em 30/04/2022

## Referências

- Alves, O. Jr. (2009). *Falar Tupi-Guarani: a busca da identidade do Brasil*. Recuperado de <http://oziasjornalismo.blogspot.com/2009/02/falar-tupi-guarani-busca-da-identidade.html>.
- Assis, C. F. de. (2008). *Dicionário Guarani-portugues/Português-Guarani*. São Paulo: Cecy Fernandes de Assis. Edição Própria.
- Aulete, d. (20210). *Dicionário português*. Recuperado de [www.aulete.com.br](http://www.aulete.com.br)
- Bagno, M. (2007). *Preconceito linguístico: o que é, como se faz?* 49. ed. São Paulo: Loyola.
- Barreto, L. (2017). *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Brasília: Edições Câmara.
- Bastos, G. (2000). *Os brutos que conquistaram o Brasil*. Super Interessante. Atualizado em 31 de outubro de 2016. Recuperado de <https://super.abril.com.br/historia/os-brutos-que-conquistaram-o-brasil/>
- Benedito, M. (2014). *Paca, tatu, cutia!* Glossário Ilustrado De Tupi. São Paulo: Ed Melhoramentos.
- Brasil. (2018). Decreto Nº 10.436, de 24 de Abril De 2002. Recuperado em 12 julho, 2021, de <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm) >
- Canese, N. K. de. (2018). *Ñe'ëryru avañe'ẽ-karaiñe'ẽ, karaiñe'ẽ-avañe'ẽ* - Diccionario

---

<sup>28</sup> Vídeo no <https://youtu.be/1UBGKKIYmpA> “Ssaëytayby Marcelo Egidio Barbosa” se apresenta o autor da frase.

guaraní-español, español-guaraní. Asunción-Paraguay.

Castilho, A. T. de. (2014). *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.

Chiaradia, C. (2008). *Dicionário de Palavras brasileiras de origem indígena*. São Paulo: Ed. Limiar.

Correia, P. (2016). *O tupi-guarani na toponímia do Brasil*. *Boletim da língua portuguesa nas instituições européias*, No. 52 – outubro de 2016. Recuperado de <http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine>

EMGC. (2016). *Caderno Mapa Guarani Continental: povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai*. Campo Grande-MS

Ferrater Mora, J. (1958). *Diccionario de filosofía*. Cuarta edición. Editorial Sudamericana, Buenos Aires.

Figueiredo, C. de. (1913). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: editora Tavares Cardoso & Irmão.

Fortes, L. (2015). *Entre o silêncio e o dizível – Um estudo discursivo de sentidos de bilinguismo, educação bilíngue e currículo em escolas bilíngues português-inglês*. 2015. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Franzin, A. (2015). *Palavras indígenas nomeiam a maior parte das plantas e animais do Brasil*. Empresa Brasil de Comunicação. 29/10/15. (EBC) Recuperado de <https://memoria.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2015/10/palavras-indigenas-nomeiam-maior-parte-das-plantas-e-animais-do-brasil>

Girardi, G. (2007). Qual é a origem dos nomes dos Estados brasileiros? *Revista Galileu*, Edição 187 - fevereiro de 2007. Recuperado de <http://revistagalileu.globo.com/Galileu>

Melo, P. A. G. de. (2013). Um recorte do léxico toponímico indígena municipal alagoano: motivações toponímicas. *Interfaces*. Guarapuava, v. 4 n. 2 jun /dez, pp. 39 – 51.

Montoya. A. R. de. (1724). *Arte de la lengua guarani* por el P. Antonio Ruiz de Montoya, de la compañía de Jesus, con los escólios, anotaciones y apéndices del P. Paulo Restivo. Pueblo de S. Maria La Mayor.

Navarro, E. de A. (2013). *Dicionário Tupi Antigo*. São Paulo: Global Editora, 2013.

Navarro, E. de A. (2020) *A Tupinologia e seus críticos*. In *Linguística, Letras e Artes e as novas perspectivas dos saberes científicos [recurso eletrônico]* / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena.

RAE, (2021). *Real Academia Española*. Recuperado de <https://www.rae.es/> acesso

Restivo, P. (1724). *Linguae Guaraní Grammatica Hispanice*. Madrid: Stuttgartiae : Guilielmi Kolhammer.

Rodrigues, A. D. (1986). *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.

Rodrigues, A. D. (1993). Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Delta*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 83-103, 1993.

Sampaio, T. (1987). *O tupi na Geografia Nacional*. Brasília: Editora Nacional:

Santos, G. R. dos, Siqueira, K. M. de F.; & Tavares, R. de F. O. (2013). Toponímia: a dinâmica dos nomes de lugares da microrregião de Catalão/GO. *Entreletras*, Araguaína/TO, v. 4, n. 2, p. 72-89, ago./dez.

Seide, M. S. (2013). Toponomástica e Antroponomástica: paradigmas e métodos. *Revista Confluência*, n. 44, p. 165 – 184

Seide, M., & Lucas, P. (2018). Os topônimos comerciais da cidade de Naranjal, Paraguai. *Confluência*, 1(54), 164-195. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i54.238>

Servín, J. V. (2003) *Peteĩha ñe'ẽryru guaraníme*. Asunción-Paraguay: Editora Litocolor.

Silveira Bueno, F. da. (1984) *Vocabulário Tupi - Guarani Português*. São Paulo: Brasilivros Editora.

Simons, G. F. & Charles D. F. (ed.). (2018). *Ethnologue: Languages of the World, Twenty-first edition*. Dallas, Texas: SIL International. Recuperado de <https://www.ethnologue.com>

Trinidad Sanabria, L. (2008). *Gran diccionario Avañe'ẽ*. 7a. ed. Buenos Aires: Editorial Ruy Díaz.

Villalva Filho, M. R.(2013). *Ñemopeteĩ guarani jehai ha oñemo'agui tetãnguera*. In: RODRIGUES, J. M. (Org.). *Políticas lingüísticas para la integración educativa y cultural en el Mercosur: legislación, planificación idiomática.y glotopolítica*. Asunción: CEADUC, v. 1, p. 243-265.